



Mind Gap the

Assunção Cristas

Missão possível

Ruy Belo falou um dia do “país possível”, o local onde os poemas reagem uns contra os outros, se criticavam e se transformavam uns nos outros. Assunção Cristas acredita que há um país que é possível transformar. Esse é o seu país possível. Por isso gosta de agitar as águas calmas da política e da sociedade portuguesa. A deputada do CDS é uma das revelações parlamentares dos últimos anos. Surpreende pela agilidade do raciocínio e pela flexibilidade das palavras. Pensadas, é claro, excepto nalguns momentos, em que faz um pequeno sorriso antes de responder. Nos seus sonhos há mais vida para lá da política.



Fernando Sobral

PEDRO ELIAS
Fotografia

A política para si é uma paixão ou uma missão?

É uma boa pergunta porque eu diria que ainda estou num processo de saber o que é a política para mim. A política começou com um desafio e antes, a política não partidária, começou com a participação na campanha de referendo do aborto. Foi algo que começou devagarinho e depois foi-se avolumando até aceitar um desafio lançado pelo Paulo Portas para entrar para o CDS. Na altura disse: vamos ver se gosto ou se não gosto. E continuo muito com essa perspectiva. Agora já sei dizer que gosto e acho que é útil. Aliás, o ponto de

viragem foi quando coordenei no CDS um relatório sobre a natalidade. Foi um trabalho para onde consegui trazer aquilo que sabia fazer, que era ler coisas, seleccionar material, lançar ideias, transpor para o papel, discutir. E foi um exercício que achei muito interessante, muito útil e onde, se quiser, tive uma primeira resposta sobre se fazia sentido estar aqui.

Esse relatório deu algum resultado?

Algun, mas limitado. Algun porque se calhar trouxe para a agenda política um tema que até aí não estava tão em cima da mesa. Mas depois vimos o go-



verno do Partido Socialista a falar de políticas de família, inventou umas medidas com as quais nós até nem concordámos, como o cheque-bebé que depois acabou por nem sair do papel. Teve essa utilidade. Claro que não foram aplicadas as medidas que tínhamos previsto, até com projectos legislativos incorporados, mas isso não passou do papel. É um facto. Haverá aqui alguma frustração? Eu diria que não, porque sabemos à partida que não é fácil fazer passar as coisas do CDS. Se pusermos na agenda política uma matéria onde depois os outros partidos também sejam convocados a apresentar propostas e a discutir já não é nada mau. E continuaremos a trabalhar essas coisas. Mas, se quiser, aí nasceu a ideia

da utilidade e a ideia do gosto. A aceitação de vir para a política foi por uma lógica de missão. Foi um bocadinho pensar: todos temos um dever de contribuir para o bem comum da sociedade. As minhas preocupações até aí eram outras mas, uma vez confrontada com uma pergunta e um convite expresso a dizer “venha!”, dizer que “não” seria contrariar a missão de cada pessoa que é dar algo de seu para o benefício de todos. Portanto, a aceitação foi um sentido de missão, continuar no trabalho tem-se transformado num gosto.

Como diria o Fernando Pessoa: primeiro estranha-se e depois entranha-se?

Talvez, talvez. Eu não posso dizer que é

uma grande paixão, ou seja, é um gosto no meio de tantos outros que eu tenho e que são muito diversificados.

Como por exemplo?

Por exemplo aproveitei as nossas férias de Verão para dar um impulso a um projecto de investigação que tenho entre mãos e que está muito parado e que tem a ver com o meu trabalho da Faculdade e que, naturalmente, está remetido para um segundo plano. Voltei a poder estar 15 dias fechada numa biblioteca e voltei a gostar. Gosto muito de fazer isso. Foi um bocadinho perceber que não deixei de gostar da parte académica e da parte da investigação. Isso é muito bom. Não diria que neste momen-

to a política já me preenche totalmente no sentido em que não sou capaz de viver sem ela nem me vejo a fazer outra coisa. Vejo-me a fazer muitas outras coisas nomeadamente continuar na Faculdade ou desenvolver um bocadinho a parte da advocacia que nunca pude fazer porque nunca tive oportunidade para isso, mas que é uma coisa que eu acho que um dia vou gostar de fazer. Portanto é um gosto e muito uma missão, enquanto achar que faz sentido contribuir. Vou estando mas não diria que é algo que exclui tudo o resto.

Acha que todas as pessoas têm a possibilidade de fazer o que fazem?

Não, nem todas as pessoas têm a possibili-

continua



(g)

Mind
Gap the

Assunção Cristas

Ainda estou num processo de saber o que é a política para mim.

continuação

dade de escolher aquilo que fazem e nesse sentido sinto que sou muito feliz por isso. Por, em cada altura, ter podido escolher. Elas implicam também, de alguma maneira, preterir coisas que também gostaríamos de fazer. Eu gostaria de fazer advocacia, fiz o estágio, mas nunca experimentei advocacia a sério. Porque me meti logo a fazer o doutoramento e isso foi muito absorvente. Sinto alguma pena por não ter feito mas é uma escolha minha que tem outros benefícios. Estou feliz por isso. Também tive a possibilidade de escolher entrar para a política ou não entrar. E escolhi entrar. Nem toda a gente pode fazer isto, isso sem dúvida.

Acha que seria uma boa juíza?

Nunca me vi no papel de juíza, tem graça. Gosto muito mais de tomar uma parte. De a defender, de argumentar e isso é mais visível na política. É diferente de ter uma posição em que teria de decidir alguma coisa com equidistância. Não me veria como juíza.

Somos um país de meias-tintas? Temos sempre medo de tomar posição?

Tipicamente diz-se que Portugal é um país de brandos costumes e a verdade é que nós vemos um bocadinho disso. Vemos que, neste momento difícil que estamos a passar, olhamos para os telejornais e vemos manifestações e actos de violência na Europa e isso não acontece em Portugal.

Somos um país de brandos costumes mas nos últimos dois séculos andámos muitas décadas

em autêntica guerra civil...

Sim, mas não foram guerras absolutamente fratricidas, como vemos noutros lados. Apesar de tudo, temos saído dos processos com alguma razoabilidade e moderação. Com danos evidentemente, mas apesar de tudo não com cenários tão sanguinários e dramáticos como tivemos noutros lados. Mas vemos toda a gente bastante adormecida, pode ser que não continuem assim, mas eu acho que estão. O reverso da medalha é que, com este adormecimento, as pessoas não tenham por hábito tomar parte activa no debate, na expressão de um qualquer combate que lhes interesse. Nesse aspecto acho que os portugueses são muito adormecidos. Estão muito à espera que alguém resolva, que outros discutam (e depois normalmente dizem mal dos que discutem), mas têm alguma dificuldade em tomar parte na discussão.

A sociedade civil portuguesa gosta de dormir a sesta?

Não sei se gosta de dormir a sesta. Dormir a sesta faz bem. Se for curtinha. Vinte minutos de sesta faz muito melhor do que beber um café ao almoço para não adormecer. Eu acho que não temos ainda uma sociedade civil muito forte. Aliás nunca tivemos. Temos um Estado muito asfíxiante da própria sociedade civil e do mundo privado. Mas sempre foi assim. Quando olhamos para os Descobrimientos vemos que em Portugal foram feitos pela Coroa e noutros países foram feitos por empresas privadas. Há aqui alguma coisa que vem de detrás. Apesar de tudo acho que temos sinais relevantes de outros sectores, nomeadamente os sectores sociais. Basta olhar para as Misericórdias. E vemos hoje em dia não tanto uma mobilização da sociedade civil para um combate que eu diria mais ideológico, mais político no sentido de discutir os grandes temas da actualidade política ou grandes temas para o futuro do país, mas em apoios onde o Estado não chega ou não pode chegar. E isso é uma fortaleza da nossa sociedade civil.

Uma vez disse numa entrevista que para Paulo Portas era a pessoa mais centrista do CDS. Pergunto-lhe: o CDS está ao centro ou o centro deslocou-se?

Não sei exactamente responder a essa pergunta. Até porque quando olhamos para o percurso feito nos últimos anos pelo Partido Socialista vemos que ele se deslocou para o centro. Está muito mais centrista. Foi buscar parte da agenda do PSD e hoje não sei exactamente dizer o que é o centro da política em Portugal. Agora posso dizer o que penso que é o CDS, com o pluralismo que é próprio de um partido com a sua matriz de democracia-cristã. Nessa matriz o CDS é naturalmente um partido de direita, mas com fortes preocupações sociais. Se entender essas preocupações sociais como algo que puxa o CDS para o centro, então sempre a tivemos. Essa matriz social distingue-nos do PSD. Mas temos hoje como sempre tivemos. Faz parte da nossa génese. Há aspectos que nos puxam mais para uma direita e onde nos distinguimos também do PSD. Há temas em que o CDS é mais forte, que são temas da direita. Posso pensar na segurança ou na fiscalidade, que tipicamente são temas mais à direita. Mas aquilo que eu acho que é central no discurso do CDS tem muito a ver com uma linha de subsidiariedade do Estado em relação àquilo que a sociedade civil e os particulares podem fazer. Tem a ver com uma linha de defesa da propriedade privada e também a questão fiscal li-

gada a isso. A riqueza é de quem a produz, que são as pessoas ou as empresas. O Estado pode apropriar-se de parte dessa riqueza, num contrato social em que as pessoas cedem parte da riqueza de forma a que o Estado a gira de forma eficiente e a redistribua. Mas o Estado não é dono dessa riqueza, não lhe pertence. E depois há uma linha de solidariedade que tem a ver com acorrer às situações de maior fragilidade social. Estas ideias que eu acho que são centrais na linha ideológica do CDS colocam-no como um partido de centro-direita.

Acha que o centro ganha eleições?

Acho que ganha eleições e, para o futuro, ganhará eleições quem conseguir ter um discurso coerente e explique às pessoas o que é que querem de cada uma das áreas. Se me disser que o centro equivale a moderação, porque as pessoas não gostam de radicalismos, tendo a concordar. Há uma moderação que normalmente corresponde àquilo que é cada uma das pessoas: tipicamente são mais moderadas do que radicais. É natural que sejam atraídas por um discurso mais moderado. Mas o que eu penso que faz ganhar eleições é a coerência de discurso, a clareza na explicação das ideias e, depois, uma actuação consistente com esse discurso e com essas ideias. Que é algo que se vai construindo com o tempo. E que permite às pessoas reverem num partido um capital de credibilidade e de seriedade quando fazem o que dizem e não se desviam muito daquilo que é o seu discurso central. Eu quero crer que as pessoas estão mais exigentes, discernem melhor as coisas e estão mais abertas a ver diferenças de discurso. Também se pode dar o inverso que é as pessoas estarem de tal forma anestesiadas que não querem saber de nada e não darem crédito a nada. Que é o velho problema de: é tudo igual, são todos iguais, não vale a pena, ninguém ajuda, ninguém resolve.

Os resultados das presidenciais mostraram um pouco isso, não?

Um bocadinho, mas não muito. Porque apesar de tudo as presidenciais são eleições diferentes, são pessoais, e estamos a falar de uma reeleição. Nunca tivemos na história um PR que não fosse reeleito, portanto não sei se podemos extrapolar esse resultado. Mas que há um cansaço é evidente, mas também é engraçado que há uns tempos houve um inquérito em que se perguntava aos portugueses em quem é que acreditavam, se nos partidos, se nas associações, se na comunicação social e não acreditavam em nada. E constituições recentes de novos partidos também não tiveram grande adesão. Há aqui algum desconforto natural numa democracia madura onde há os que participam sempre e há os que nunca participam e há aqueles que participam de vez em quando. Mas isso não muda porque as pessoas, com todas as dificuldades e desencantos que têm, também sentem que a democracia não está em causa e não se preocupam nem se empenham activamente quanto mais não seja através do voto. Basta compararmos com o que se passa em países recém-formados ou saídos de uma ditadura em que toda a gente vai votar e está empenhada em construir soluções. Alguma coisa, no entanto, temos de fazer. Que passa muito pelo discurso político, e aí todos somos responsáveis, mas é preciso perceber a fundo quais são os antídotos para o desencanto dos portugueses. E se calhar são bem mais profundos e têm a ver com a ideia de que alguém há-de resolver e em que

as pessoas se sentem individualmente menos agentes de mudança.

Acha que alguém tem resposta para tudo?

Não. Individualmente não tem resposta para tudo e colectivamente é difícil que tenhamos resposta para tudo. Agora acredito que muita gente junta a pensar e a conversar tem mais respostas do que uma pessoa sozinha.

Reconhece alguma qualidade política em José Sócrates?

A determinação e a combatividade, sem dúvida.

O que acha da proposta do ministro Jorge Lácio para a redução do número de deputados?

Essa é uma questão interessante que vale a pena ser bem debatida. Por isto. As pessoas lá fora têm a sensação que somos muitos. Eu não posso falar sobre todos os partidos porque não os conheço, até porque um partido maior com muitos deputados tem uma organização diferente do que um partido pequeno como o CDS. Neste momento já somos 21, um dia destes seremos mais se Deus quiser e então será diferente. Aquilo que eu sinto do nosso grupo parlamentar é que não somos muitos para acorrer a tudo aquilo que precisamos de fazer e que gostaríamos de fazer com outra profundidade. Temos responsabilidades em muitas comissões que muitas vezes funcionam à mesma hora. Às vezes gostaria de dividir trabalho para poder estudar mais alguma coisa mas não tenho margem para o fazer porque não





temos como nos desdobrar mais. Para termos uma representação diversificada, que corresponde à sociedade que temos, reduzir o número de deputados pode ter a consequência que é passarmos a ter menos deputados globalmente e menos dos partidos menores. Onde ter mais um ou menos um faz muita diferença. Não é bom reduzir o número de deputados. Segundo ponto: talvez valesse a pena fazermos o exercício inverso que é pensar o que é que o Parlamento faz. Três coisas: faz leis, fiscaliza o Governo e a administração e faz debate político. Quantas pessoas é que nós achamos que representam o povo português e necessitamos para fazer este trabalho? Com menos conseguimos fazer o mesmo trabalho? Mas se olharmos para Castelo Branco, para Bragança, para a Guarda, onde há poucos deputados, o que é que acontece se reduzirmos o seu número? Deixamos de ter deputados dessas regiões? Isto é importante ou não? Em Leiria somos 10 deputados e as pessoas de Leiria se quiserem saber quem são os deputados sabem com facilidade. Será diferente se puserem o nosso nome num papel? Não sei se isso mudará as coisas. Quando nos comparamos com outros parlamentos europeus não temos mais deputados. Não estou segura que a solução seja reduzir o número de deputados.

Meios como o Facebook ou o Twitter são essenciais para o combate político?

Não são essenciais no sentido que se deixassem de existir não se morria. Mas acho que são instrumentos importantes. Não chegam a toda a gente, mas há muita gente que acompanha a política através da Internet. E aí acho

que o Twitter e o Facebook são meios de comunicação política e que tendem a crescer. É mais um canal de difusão da mensagem política e um canal livre, já que não está sujeito à selecção editorial dos meios de comunicação. Mas ainda têm uma utilização limitada. Não excluem outros meios. O Twitter, para ser mobilizador, tem de ser algo que se está permanentemente a alimentar. E não é fácil. E hoje como não tenho tempo para pôr vários twits consistentes e interessantes não uso tanto. O Facebook uso, talvez devesse usar mais, mas para as coisas serem sérias é difícil.

Quais são os seus heróis políticos?

Essa é uma pergunta difícil. Nunca olhei para políticos na perspectiva de heróis. Nem políticos nem ninguém.

E também não tem heróis de ficção?

Acho que não tenho. Há uma personagem que eu gosto imenso da ficção que é o Poirrot. É uma coisa muito estranha mas acho muita graça. Na política mundial realçaria o Nelson Mandela, mas não tenho um grande herói político. Ou seja, há um herói grande que é político e em todas as dimensões que eu acho que é o único que merece essa qualificação, que é Cristo. Depois disso não acho que hajam grandes heróis.

O que é que mais valoriza nos seus amigos?

Não os qualifico, nem os tendo a caracterizar. E a avaliar. Essa pergunta pressupunha que eu fosse capaz de os avaliar e de os catalogar. Aquilo que eu valorizo é cada um ser como é.

Costuma andar de transportes públicos?

Raramente. Ando normalmente de carro porque acho que é a única forma de fazer todas as coisas que tenho para fazer.

Acha que os transportes públicos não lhe davam um eco diferente da sociedade?

Porventura sim. Andei de transportes públicos quando trabalhei no gabinete da ministra da Justiça, porque ia sempre de eléctrico. Não senti que me dava uma outra percepção da sociedade, mas também não acho que eu seja desligada da vida das pessoas.

O que é que vê na televisão?

Muito pouco.

Telejornais?

Às vezes nem isso. Quando chego a casa estou cansada e procuro utilizar o tempo para estar a conversar com o meu marido e com os meus filhos e depois a seguir, não raramente, ainda tenho de trabalhar alguma coisa. Muitas vezes não estou em casa porque há várias coisas, um jantar de trabalho disto, uma reunião daquilo. Portanto vejo pouca televisão. Não acompanho nada de séries, às vezes a televisão está ligada e eu vou seguindo ao longe o que se passa mas não há nenhum programa que eu acompanhe verdadeiramente.

E tem tempo para ler?

Precisamente o pouco tempo que tenho à noite é para ler. Prefiro ler do que ver televisão. Leio coisas muito diversas, mas gosto muito de poesia. E durante vários anos quando só lia poesia, mas hoje já me resignei a ir len-

do várias coisas. Gosto muito de Ruy Belo, Sophia de Mello Breyner. Nós temos tantos bons poetas. A coisa boa das férias é que podemos ler seguidamente. E para não ficar obcecada por um livro que depois não consigo acompanhar, leio várias coisas ao mesmo tempo. Agora, na mesa-de-cabeceira, tenho o Truman Capote. Gosto muito de literatura americana, Tennessee Williams, Faulkner.

Reli há dias o “Great Gatsby”, do Scott Fitzgerald. É tão actual. Já o leu?

Está lá na minha mesa-de-cabeceira. Comecei a lê-lo na minha viagem dos EUA para cá e não o acabei de ler. Não leio, e é uma falha, textos políticos ou coisas que os políticos gostam de ler que são biografias. Ainda não me consegui iniciar nessa área.

E Karl Marx?

Não.

Não é uma falha?

Não sei se é. Tenho ideia do que ele disse, estudei o que ele disse, mas não acho que seja particularmente atraente a sua ideologia. Acho que há tantas coisas interessantes e bonitas para ler no mundo e eu tenho tão pouco tempo para o fazer que não perderia tempo a ler Karl Marx.

De que é que tem medo na vida?

Não sei. Acho que há um medo que eu tinha e agora talvez tenha menos e que talvez tenha a ver com o facto de eu ter nascido em Luanda e de ter vindo com os meus pais na altura da descolonização e ter esta ideia que, de repente, é preciso sair de um sítio e ir para outro. Tenho medo de uma guerra que obrigue totalmente a mudar a vida de uma pessoa e uma coisa que me questionei muito é quanto tempo é que a Europa aguenta sem uma guerra? É um aspecto que me preocupa, talvez não tanto como já me preocupou, mas é algo latente. Ter de sair e ir para outro lado qualquer para começar tudo de novo.

Para que é que acha que precisa de dinheiro?

Para sobreviver, para educar os meus filhos, para poder comprar livros e não muito mais.

O que é que lhe dizem a crise na Tunísia e no Egipto?

Muito preocupante. Diz que podemos estar na altura de iniciar algum coisa que não sabemos onde vai acabar nem sabemos o resultado a que nos leva. Obviamente que ninguém diz que os regimes que estavam eram perfeitos, toda a gente lhes conhece os defeitos e as limitações, mas a evolução que parece inevitável pode não ser necessariamente para melhor. E isso é muito preocupante e é às portas da Europa.

Qual a sua ideia de felicidade perfeita?

Felicidade perfeita, e eu sou crente, é algo que não se alcança aqui e está reservado para uma outra altura que tem a ver com a comunhão plena com Deus. Essa é a felicidade perfeita. O que temos na Terra é um espelho dessa felicidade onde podemos não só experimentar como criar essa felicidade. Eu acredito muito na capacidade criadora do ser humano e acho que vivemos uma amálgama de coisas boas e de coisas menos boas que fazem no seu conjunto a felicidade. Não acredito na felicidade feita só de coisas perfeitas, essa existirá, mas não é aqui, a que temos aqui é uma felicidade necessariamente composta de coisas boas e de coisas menos boas. Mas, no limite, é estar-se bem consigo próprio e essa harmonia interior, porque não acredito que a felicidade seja uma coisa exterior, torna-nos felizes em qualquer circunstância. **W**